

sente ou passado, do próprio ou de outros povos, e, em segundo, obter conceitos pedagógicos e leis gerais, ou seja, resultados nomotéticos (pág. 29). Tal é possível somente na medida em que se reconheça a Pedagogia como ciência autônoma e em que se aceitem, como conceito de educação, não somente os intuitos explícitos e intencionais da sociedade em face das novas gerações, mas ainda o *paideuma* que, como colaborador secreto, atua juntamente com todos os elementos culturais na formação da personalidade.

A obra evidencia, de forma concreta, o entrelaçamento dos fenômenos educacionais no ambiente natural e cultural. Através de recortes artificiais, exigidos pela técnica científica, isolam-se diversos fatores dessas duas esferas; discutem-se, então, com recurso a muitos exemplos e com grande sutileza, as possibilidades de influir na educação de um povo por meio do fator focalizado, no amplo campo de observação internacional. Dentro do âmbito dos problemas ligados ao ambiente natural abordam-se mais de perto as questões do caráter étnico e do espaço geográfico. No que diz respeito ao ambiente cultural, além de se estudar a natureza do "paideuma", indaga-se de modo particular o papel que determinados elementos da ciência (incluindo Filosofia e Pedagogia), da ordem social, da religião, da história e das influências interétnicas podem desempenhar no campo da educação. Um capítulo final trata da evolução imanente da Pedagogia.

E' fácil de se ver a importância do livro para a Pedagogia teórica e prática. Este tipo de pensamento, se fôsse praticado em toda a parte, abriria as janelas das salas de aula, muitas vezes sufocantes, e uma lufada universal purificaria a atmosfera, sem que fôsse necessário menosprezar os justos valores de ordem nacional.

A obra é de interesse também para o antropólogo. Por mais diversas que sejam, no seu todo, a Pedagogia Comparada e a Antropologia, não se pode negar que ambas as ciências coincidam dentro de certo setor limitado, ou seja, na análise da esfera educacional segundo um ponto de vista funcional. Quis o acaso que a Pedagogia Comparada viesse trazer, com o livro de Schneider, uma contribuição de valor científico e didático excepcional, superior a tudo quanto a Antropologia tem produzido sobre a educação como esfera cultural.

*E. A. von Buggenhagen*

WILLY HELLPACH: *Kulturpsychologie*. Eine Darstellung der seelischen Ursprünge und Antriebe, Gestaltungen und Zerrüttungen, Wandlungen und Wirkungen menschheitlicher Wertordnungen und Güterschöpfungen. 297 págs. Ferdinand Enke Verlag. Stuttgart, 1953.

"Com este livro encerro a série de exposições de tipo didático que visam apresentar os diversos ramos da nossa ciência; encerro-a não somente em virtude de minha idade de 77 anos, que entrementes alcancei, como também pelo simples fato de se findar, com essa obra, a série de setores em cujo âmbito a minha própria experiência e pesquisa me permitiram apresentar esses manuais. Ao acrescentar essa Psicologia Cultural à Psicologia Social, à Etno-Psicologia, Psicologia Clínica, Psicologia Religiosa, Etnofisionomia e Geopsicologia, é como se todas essas ciên-

cias agora se fechassem num círculo, no qual está depositada a parte didática do trabalho de minha vida” (pág. VI). O título da obra e as frases da introdução citadas dão, até certo ponto, uma idéia do intuito do autor, o de abordar o fenômeno global da cultura com a plenitude de elementos específicos, do ponto de vista psicológico, para fins didáticos.

Para Hellpach, cultura é “a ordem de todos os conteúdos e formas de vida de uma comunidade humana, regidos por um valor supremo (ou um grupo de valores supremos) determinante” (pág. 2). A fim de dominar a estonteante multiplicidade de elementos culturais, o autor os classifica em irracionais, corracionais e transracionais. Irracionais são todas as formas de manifestação da vida, atividade e criação do homem que emanam e se nutrem, de forma preponderante e decisiva, das “províncias” psíquicas não intelectuais (intuição elementar, os elementos ligados aos impulsos, emoções e afetos, a “pura” vontade, sem exame e refreamento racional). Dessa esfera fazem parte também os impulsos de alimentação, acasalamento e gregários, os jogos vitais e espirituais e os estimulantes e entorpecentes. Corracionais são os elementos baseados “de forma preponderante e decisiva no intelecto, pensamento, reflexão, no deduzir e concluir”. A essa esfera pertencem os “bens úteis da cultura” (técnica, divisão de trabalho, aquisição, propriedade), os bens de coerção (estado, administração, direito), os bens do saber (ciência e cultura pessoal). “Transracionais, finalmente, se chamam àquêles bens de posse e ordens de realidade de uma cultura que, pela sua própria natureza, procuram ultrapassar ou ultrapassam a esfera terrena irracional e corracional, e que nunca se esgotam nos fenômenos racionais ou irracionais da alma humana empírica” (pág. 6).

A êsse conceito de subordina “o ser além da realidade” — “a religião como fenômeno e valor cultural”. Segundo o autor, o ponto de partida psicológico leva vantagem sobre os demais: “A cultura nasce através da atuação humana... é sempre criação histórica... Por isso, a parte mais importante de sua investigação cabe àquele grupo de ciências que se ocupa do pensar e querer, fazer e deixar de fazer, idear e executar de seres humanos, ou seja, à Psicologia nos seus vários ramos que se ocupam do ser humano” (pág. 266). “A História da Cultura e a Sociologia Cultural — esta última particularmente em voga nos dias que correm — somente podem chegar a conhecimentos autênticos de conexões culturais se recorrem em ampla medida à Psicologia, ou se põem em prática, por sua vez, a Psicologia Cultural” (pág. 266).

Como se vê, estamos diante de um cientista de pensamento voluntarioso: nem todos estarão dispostos a concordar, sem mais nem menos, com as concepções apriorísticas do esquema geral ou a atribuir-lhes valor positivo, como o da originalidade. Para conceber a cultura como fenômeno fundamental bastaria uma idéia singela, que não levasse a carga de uma hierarquia de valores, como, por exemplo, esta de E. B. Reuter: “everything, material and immaterial, created by man, in the process of living, comes within the concept of culture”. A classificação dos elementos culturais conforme a sua posição em face à “ratio” é superficial e a avaliação do ponto de partida psicológico em face da história social e da Sociologia não revela um justo senso de proporção.

A execução do trabalho obedece só em parte ao esquema indicado. O autor mal se abalança a fazer uso sério da idéia axiológica inerente à sua definição da cultura, abordando, ao contrário, quase sempre em ordem enumerativa um ramo cultural após outro. Ademais, cabe ao leitor

atento procurar a Psicologia Cultural nas páginas do livro. Raramente se aprofunda a análise das influências da organização psíquica individual sobre a sociedade, o caráter imperativo de certos elementos culturais que se impõem à psique do indivíduo e a ação recíproca entre ambos. Em compensação, Hellpach manifesta profundamente as suas próprias reações psíquicas aos diversos elementos culturais.

Não deixam de ser valiosas essas exposições sobre a cultura, nascidas de um pensamento que se mascara de científico, mas que é essencialmente pessoal. O autor, inteligente como é, e ligado à sua matéria por contactos intensos, prende o leitor durante quase toda a obra pela multiplicidade de questões que levanta e por numerosas idéias originais. Discorrendo sobre a ciência, a irradiação dos valores na conduta dos que foram moldados por eles, sobre a "posição trágica da Filosofia como bem de elite na cultura global", e formulando os seus juízos de valor sobre a cultura moderna, oferece sugestões substanciais à meditação do leitor, apesar do caráter problemático de cada uma das teses em particular.

*E. A. von Buggenhagen*